



O DESENHO INFANTIL: UMA LINGUAGEM PRAZEROSA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SÍ E DO MUNDO.

CHILDREN'S DRAWING: A PLEASANT LANGUAGE IN THE PROCESS OF BUILDING ONESELF AND THE WORLD.

Érika Sousa Gomes¹
Igor Gonzaga Lopes²

Resumo: Desde que a criança deixou de ser reconhecida apenas como um adulto em miniatura, surgiram diferentes interesses em estudar seus aspectos do desenvolvimento e sua forma de pensar e agir sobre o mundo. Uma de suas atividades que no fim do século passado despertou interesse de alguns estudiosos foi o desenho. Pesquisadores começaram a questionar sobre o rabisco e as produções subsequentes realizadas nas diferentes idades da criança. Assim sendo, o presente artigo buscou analisar e comparar as concepções de duas autoras em relação às fases do desenho infantil, abordando sua importância para o desenvolvimento do grafismo da criança. Para isso, foram analisados dois livros: “O desenho infantil” de Florence de Mèredieu (2017) e “Desenho da criança” de Maureen Cox (2012)), realizando uma análise bibliográfica. Primeiro, foi feita uma introdução, abordando algumas características do desenho infantil e a forma como ele costuma ser trabalhado em sala de aula; posteriormente foi pontuado sobre o surgimento do desenho infantil e do interesse em estudá-lo. Em seguida, realizou-se uma análise da autora Maureen Cox, no livro já citado, destacando seu ponto de vista acerca do desenho infantil, abordando algumas fases do desenvolvimento e da evolução do mesmo; depois foi realizada uma análise da autora Florence de Mèredieu em seu livro também citado acima, destacando a sua ótica em relação ao desenho da criança e sua evolução, de acordo com alguns autores. Posteriormente foi feita uma análise dos resultados da pesquisa, destacando as diferentes concepções das autoras estudadas, e, por fim, realizou-se a conclusão, associando os pontos de vista abordados nos dois livros e pontuando qual a sua importância para o desenvolvimento do grafismo infantil.

Palavras-chave: Desenho; Infantil; Criança; Desenvolvimento; Mundo.

Abstract: Since the child is no longer recognized as just a miniature adult, different interests have arisen in studying its aspects of development and its way of thinking and acting in the world. One of his activities that at the end of the last century aroused the interest of some scholars was drawing. Researchers began to question about scribbling and the subsequent productions carried out at different ages of the child. Therefore, this article sought to analyze and compare the conceptions of two authors in relation to the phases of children's drawing, addressing their importance for the development of children's graphics. For this, two books were analyzed: "The children's drawing" by Florence de Mèredieu (2017) and "Children's drawing" by Maureen Cox (2012)), performing a bibliographical analysis. First, an introduction was made, addressing some characteristics of children's drawing and the way it is usually worked in the classroom; later it was punctuated on the emergence of children's drawing and the interest in studying it. Then, an analysis of the author Maureen Cox was carried out, in the aforementioned book, highlighting her point of view about children's drawing, addressing some stages of its development and evolution;

¹ Érika Sousa Gomes, Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (Estácio de Sá), e-mail: erikaal9ped@gmail.com

² Igor Gonzaga Lopes, Doutorando em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Goiás, e-mail para contato: igorgonzaga1@hotmail.com.



then I will carry out an analysis of the author Florence de Mèredieu in her book also mentioned above, highlighting her perspective in relation to the child's drawing and its evolution, according to some authors. Subsequently, an analysis of the research results was carried out, highlighting the different conceptions of the authors studied, and, finally, the conclusion was made, associating the points of view addressed in the two books and pointing out their importance for the development of children's graphics.

Keywords: Children's; Drawing; Child; Development; World.

ABRINDO CAMINHOS DE DIÁLOGO

Diante da complexidade da profissão de educador e da atual necessidade de atualização e busca por novos conhecimentos e novas práticas educativas, é fundamental que sejam proporcionadas às crianças novas experiências de aprendizagem, inclusive no âmbito artístico.

Por meio do desenho a criança se expressa, representando sentimentos, pensamentos, emoções e conceitos acerca do mundo à sua volta, por isso precisa ser estimulada a criar e se desenvolver de maneira autônoma, livre e criativa.

Nota-se que muitas vezes os desenhos costumam ser utilizados em sala de aula como complemento de outras atividades, sem uma ênfase no seu significado e na sua contribuição para o desenvolvimento da criança. “Daí a tendência sistemática no ensino a subordinar o desenho a outras disciplinas das quais ele se torna um simples instrumento[...]” (MÈREDIEU, 2017).

A relevância de estudar o tema do desenho infantil se dá pelo fato de que ao desenhar, a criança se desenvolve e também interpreta o mundo à sua volta, expressando valores, significados e pensamentos, que por sua vez podem ser muito importantes para o processo de aprendizagem do aluno.

Acredita-se que o educador pode ser considerado um observador em sala de aula, e, como tal, precisa estar atento às características emocionais, bem como as potencialidades e sensações expressas por meio do desenho, desde um simples rabisco, até as produções que expressam o ponto de vista infantil.

Diante disto, o presente trabalho tem como principal objetivo expor e discutir acerca das proposições de duas autoras em relação ao desenho infantil, buscando compreender de que forma o mesmo pode contribuir para o desenvolvimento global da criança.

Uma formação docente voltada para a necessidade da criatividade e expressividade, pode auxiliar os educadores no desenvolvimento de um olhar mais



sensível e aguçado em relação ao grafismo da criança. Para isto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que de acordo com (GIL, 2002):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituída principalmente por livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente por fontes bibliográficas.

As duas principais autoras analisadas foram (MAUREEN COX, 2012), em seu livro “o desenho da criança” e (FLORENCE DE MÈREDIEU, 2017) em “o desenho infantil”, dentre outros. Primeiramente foi feita uma contextualização do surgimento do interesse de se pesquisar sobre o desenho da criança. Foram expostas algumas características da utilização do desenho no meio educacional, abordando de que forma o grafismo é considerado e como tem sido utilizado em sala de aula.

Posteriormente foi realizada uma análise do livro “Desenho da criança”, de Maureen Cox, destacando suas concepções em relação ao grafismo infantil, suas características e como se dá sua evolução, pontuando algumas fases de desenvolvimento do mesmo. Em seguida foi feita a análise do outro livro “O desenho infantil” de Florence de Mèredieu, pontuando acerca da mesma temática, destacando seu ponto de vista em relação ao desenho da criança e suas fases de evolução.

Depois, foi feita uma análise dos resultados da pesquisa, abordando em que sentido ela pode contribuir e ser útil ao educador, e de que forma ela ainda deixa aberta a questão em relação ao estudo do desenho infantil, podendo ser aprofundada através da análise de outros autores, que possuam outras óticas relacionadas ao tema.

Por fim, foi realizada a conclusão do trabalho, a qual abordou os resultados da pesquisa, analisando o que foi obtido pelo estudo das autoras Maureen Cox e Florence de Mèredieu, seus pontos convergentes e divergentes e de que forma podem auxiliar o educador em relação ao grafismo da criança.

O SURGIMENTO DOS ESTUDOS SOBRE O GRAFISMO INFANTIL

Até certo tempo atrás, a criança era considerada como um adulto em miniatura, capaz de realizar trabalhos comuns ao restante da sociedade e sem o menor reconhecimento de um período específico de desenvolvimento. De acordo com (COX, 2012), “essa falta de interesse pela infância começou a se alterar no século XVIII. Uma nova tendência psicológica teve como pioneiro, entre outros, o filósofo e educador Jean Jacques Rousseau”. Desde então, a criança



começou a ser percebida como um ser em constante aprendizagem.

Com o estabelecimento dos referenciais nacionais destinados exclusivamente à educação infantil -que reconheciam e preconizavam uma aprendizagem de caráter lúdico- buscou-se proporcionar à criança por meio do desenho a oportunidade de se expor e expressar seus sentimentos, pensamentos e considerações sobre a realidade. Para o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil:

O desenvolvimento progressivo do desenho implica mudanças significativas que, no início, dizem respeito à passagem dos rabiscos iniciais da garatuja para construções cada vez mais ordenadas, fazendo surgir os primeiros símbolos. (RCNEI, 1998, V.III, p. 92)

Apesar da importância evidente do ato de desenhar para o desenvolvimento saudável da criança e de ser algo reconhecido pela lei, o que se tem visto muitas vezes em sala de aula são atividades de cópia e inúmeras outras que não se preocupam com a estimulação e criatividade infantil. (DERDYK, 1989) afirma que “[...] desenhar é uma atividade lúdica, reunindo, como em todo o jogo, o aspecto operacional e o imaginário. No jogo do desenho, o tempo e o espaço são transformados”. Assim sendo, tal atividade se torna fundamental durante o processo educativo.

Algumas características educacionais relacionadas ao desenho foram alvos de críticas severas por parte de alguns autores. Eles alegavam que o mesmo não deveria ser estereotipado, pois sua produção necessitava ser uma expressão livre. O desenho muitas vezes era taxado de “feio” simplesmente por não se assemelhar à arte adulta, o que tornaria difícil para a criança que não possuía um desenvolvimento tão avançado.

Esse modo negativo de apreensão – em que todas as particularidades do desenho são definidas como erros- deve hoje ceder lugar a uma decifração das produções infantis no que elas têm de mais autêntico e mais original, originalidade difícil de mostrar na medida em que a imitação do adulto desempenha um papel importante e está leitura utiliza instrumentos forjados por esse mesmo adulto. (MÈREDIEU, 2017).

Nem sempre os pequenos buscam uma representação da realidade, segundo (MOREIRA, 1997) “a criança pequena desenha pelo prazer do gesto, pelo prazer de produzir uma marca. É um jogo de exercício que a criança repete muitas vezes para certificar-se do seu domínio sobre aquele movimento”.

Outra crítica constatada foi a de que poucos são os registros de produções infantis, o que impede um estudo do desenho da criança no decorrer da história, considerando sua “evolução” ou suas mudanças em relação ao tempo. Segundo (COX,



2012), não existem muitos exemplares e “uma das razões pode ser a de que nossos antepassados consideravam a infância de modo muito diferente de como nós a entendemos hoje”.

De acordo com o estudo, constatou-se que o ato de desenhar envolve múltiplos aspectos do desenvolvimento, mas sobretudo da expressão e da comunicação infantil, que mais do que simples desenhos, constituem uma forma da criança interagir com o mundo. Para (ALMEIDA, 2003):

[...] as crianças percebem que o desenho e a escrita são formas de dizer coisas. Por esse meio elas podem “dizer” algo, podem representar elementos da realidade que observam, e com isso, ampliar seu domínio e influenciar sobre o ambiente.

Além de seus aspectos cognitivos, sociais e estéticos, o desenho também engloba o psicológico infantil, pois quando a criança desenha ela projeta características emocionais, como por exemplo alguns complexos e traumas, e detectar tudo isso pode ser considerado importante para o desenvolvimento do processo educacional. Segundo (MÈREDIEU, 2017):

[...] pode-se estudar sucessivamente a maneira como a criança utiliza linhas e formas, o modo de distribuição do espaço, a escolha da cor. Todas essas características têm o valor expressivo e traduzem de maneira específica o estado emocional da criança.

Observar o processo de construção do conhecimento da criança por meio da atividade de desenho, seja de forma livre, abstrata, conduzida ou realizando releituras, pode ser uma grande oportunidade para que o educador possa compreender melhor de que forma a criança desenvolve sua aprendizagem. De acordo com (IAVELBERG, 2013), “as crianças de educação infantil agem com vigor ao desenhar. Experimentam movimentos e matérias oferecidos sem medo, fazendo-os variar por intermédio de suas ações”. Dessa forma, é possível que através do desenho sejam minimizados problemas de comunicação e interação.

DIFERENTES CONCEPÇÕES SOBRE O DESENHO INFANTIL: MAUREEN COX E O DESENHO DA CRIANÇA

Diante do crescente interesse por estudar o universo infantil e as diferentes fases de desenvolvimento da criança, surgiu também a necessidade de compreender de



que forma os indivíduos de zero a doze anos realizam seus desenhos. Alguns estudiosos começaram a buscar entender quais elementos da personalidade, do emocional e do aspecto social das mesmas poderiam estar refletidos em suas produções.

A autora (MAUREEN COX, 2012) em seu livro intitulado “O desenho da criança” abordou sobre os aspectos gerais do desenho infantil, destacando as características do mesmo ao longo do seu desenvolvimento cognitivo e demonstrando as aprendizagens e não aprendizagens em grupos de crianças que foram objeto de estudo de alguns projetos.

Cox defendia uma visão da educação artística baseada naquilo que a criança pode aprender e se desenvolver através da estimulação e orientação de um adulto.

Em suma, na minha opinião, desenhar não é simplesmente uma questão de autoexpressão espontânea; temos de aprender habilidades e técnicas básicas. Nos primeiros anos conseguimos aprender bastante com pouco ou nenhum ensino formal. Mais tarde, porém, nossa ideia do que constitui um bom desenho ultrapassa muito nossas habilidades. Sem ensino, a maioria não consegue desenhar; perdemos o interesse e desistimos por completo. (COX, 2012)

Segundo ela, a evolução do desenho infantil ocorre a partir dos primeiros rabiscos, e ainda que eles não se pareçam com nenhum objeto ou figura conhecida, a criança desde cedo já carrega uma intenção de retratar algo. “Por volta dos vinte meses de idade, os jovens desenhistas começam a fazer traços para representar um objeto inteiro ou uma pessoa” (COX, 2012).

Ao realizar diferentes rabiscos a criança começa a perceber que seus grafismos podem representar algo e “mesmo sem saber como construir a forma dos objetos em si, as crianças captam bastante conhecimento sobre esse negócio de fazer desenhos” (COX, 2012). E a partir de então, pouco a pouco suas produções vão adquirindo novas formas e conhecimentos, que são acrescentados em detalhes nos seus desenhos.

De acordo com a autora, para que uma criança consiga atingir o desenho de uma figura humana, é preciso que aumente seu repertório de detalhes e realize a experiência da prática, que aperfeiçoará de maneira que vai amadurecendo.

Embora a criança pequena tenha um bom conhecimento sobre a figura humana e saiba apontar corretamente diversas partes do corpo, para desenhar a figura ela tem de descobrir que partes são usualmente incluídas e que partes são opcionais, saber como cada parte é desenhada, ser capaz de lembrar todas as partes enquanto desenha e fazê-lo na ordem correta, saber onde fica cada parte



em relação a outras partes e ser capaz de arrumar as partes em um conjunto no papel. Deve ainda ter um controle razoável sobre seus movimentos finos, de modo que os traços sigam por onde ela pretende.

Dessa forma, acredita-se que a intervenção do adulto pode auxiliar no desenvolvimento de desenhos convencionais, melhorando cada vez mais a capacidade de desenhar da criança. Segundo seus estudos, é possível afirmar que as crianças percebem as limitações em seus desenhos e buscam formas de melhoria. “Em certo ponto, no entanto, elas começam a progredir. Isso pode ser, em parte, uma reação a críticas dos outros, porém é mais provável que seja uma ação decisiva e pessoal em busca de melhores formas de representação [...]” (COX, 2012).

Elas muitas vezes criam seus próprios estilos ao desenharem o corpo humano, e, no início, acabam encontrando algumas dificuldades. As proporções e perspectivas requerem prática, e às vezes acabam saindo de forma destorcida e irregular.

Uma das características bem perceptíveis em desenhos da figura humana feitos por crianças pequenas são suas proporções meio bizarras. Certas partes, como a cabeça, as pernas ou as mãos, podem ser desproporcionalmente grandes em comparação com o resto da figura. [...] parece ser difícil para elas controlar o tamanho relativo de cada elemento enquanto o desenhavam (COX, 2012).

A forma como a figura humana é, com todos os detalhes e tridimensionalidade, para a criança pode se tornar algo de difícil compreensão. Atingir a sua forma convencional e com um aspecto mais realista pode ser um desafio, que só será concluído com uma maior maturidade motora e cognitiva.

Se a figura humana tivesse uma forma geométrica mais angular, poderia ser mais fácil de desenhar, no sentido de que as maneiras de representá-la seriam bastante óbvias e limitadas. No entanto, sendo como é, essa figura irregular e meio protuberante apresenta problemas, e há muitos modos de desenhá-la (COX, 2012).

Com o amadurecimento, algumas crianças conseguem atingir a capacidade de desenhar com maior exatidão. São acrescentados detalhes e melhores proporções aos seus desenhos, e os detalhes começam a fazer parte de seu repertório.

Por certo, a maturidade intelectual de algumas crianças ultrapassa em muito a sua idade cronológica, e elas são consideradas mais dotadas; seus desenhos da figura humana assemelham-se aos do grupo de maior idade. Ao contrário, a maturidade de certas crianças fica muito aquém de sua idade cronológica (COX, 2012).



A autora cita no livro alguns estudos de autores que buscaram compreender os problemas intelectuais e psicológicos de crianças através de seus desenhos, colocando a falta ou excesso de alguns detalhes como algo inerente à algum distúrbio. “Da mesma forma que os desenhos têm sido usados para revelar a personalidade de uma criança, têm sido também usados para avaliar o ajuste ou distúrbios emocionais” (COX, 2012).

Segundo (COX, 2012), as crianças representam as partes do corpo segundo o grau de importância e significância que lhes atribui. No entanto, é preciso cautela ao justificar as falhas em um desenho através de problemas intelectuais e cognitivos.

Antes de concluir precipitadamente que as muitas características de um desenho infantil podem se atribuir a algum problema emocional ou falha de personalidade, deveríamos verificar se elas não são simplesmente soluções para os problemas habituais de planejamento que qualquer criança ou adulto tem de enfrentar ao representar uma pessoa[...] (COX, 2012)

Em relação à capacidade de memorizar os detalhes que devem conter em um desenho, a autora destaca os estudos de Luquet, que por sua vez, defendia que a criança é capaz de se lembrar como se desenha determinado objeto, e mesmo que seja levada a produzi-lo de tal forma copiando um modelo, ela certamente irá recorrer ao seu repertório interno e desenhar de acordo com seus conhecimentos. Luquet sustentava que o modelo interno contém informação que é fundamental para a ideia de que a criança tem do objeto. (COX, 2012).

Em certos casos, as crianças desenham o objeto com o objetivo de que ele seja reconhecido como tal. “Tentarão, porém, fazer seus desenhos mais realistas e se houver uma boa razão e se puderem fazê-lo de modo que não apresente ambiguidades” (COX, 2012). Portanto, se um objeto for desenhado por um ponto de vista que não seja possível reconhecê-lo, a criança menor necessita que sejam acrescentados alguns detalhes que o caracterizem como tal.

A partir de determinada idade, elas crianças modificam sua forma de desenhar os objetos da maneira citada acima, e passam para uma visão mais realista. “Em certo ponto, as crianças passam realmente a tentar desenhar apenas o que elas veem. Isso é relativamente fácil quando tudo o que elas têm para fazer é omitir um determinado detalhe[...] (COX, 2012).

Diversos estudos têm mostrado que, em certas circunstâncias, crianças



pequenas de até mesmo quatro anos modificam seus esquemas numa tentativa de desenhar o que elas veem. Seria enganoso, então, descrever o desenvolvimento infantil como uma abrupta sucessão de estágios do realismo intelectual ao que Luquet chamava de realismo visual; ele se dá mais como uma mudança da ênfase, passando de um tipo de representação a outro, dependendo do que a criança considera importante. (COX, 2012).

Porém observa-se, ainda, que mesmo as crianças menores modificam as características de seus desenhos em busca de melhorias, mostrando que nem sempre o desenvolvimento cognitivo e intelectual tem a ver com a evolução do grafismo.

Apesar de concordar que uma criança é capaz de adquirir habilidades de acordo com seu amadurecimento e suas experiências com o desenho, a autora não reconhece que elas precisem passar necessariamente por todas as fases de rabiscos, desenhos menos elaborados e depois mais elaborados.

As crianças, portanto, não serão prejudicadas artisticamente por não terem participado de todas essas atividades iniciais de desenho, e as crianças maiores não precisam passar penosamente por elas só para cumprir aqueles estágios. (COX, 2012).

Os estudos de Maurren Cox levam a compreender que desenhar nem sempre é uma habilidade inata. Muitas vezes depende do nível de estimulação e também das influências culturais de um povo. O grande problema, segundo a autora, seria a capacidade de o adulto orientar as crianças em relação a formas de desenhar determinados traços e a importância que o mesmo dá ao ensino do desenho. Porém, independente da faixa etária, a criança tem capacidade de aprender e se aperfeiçoar no grafismo.

FLORENCE DE MÈREDIEU: O DESENHO INFANTIL

A autora Florence de Méredieu analisa o desenho infantil numa ótica que foge das perspectivas psicológicas e comportamentais usadas na busca de “interpretar” e “decifrar” o mesmo. Ela busca a percepção de que o grafismo da criança não possui uma intenção estética e, as vezes acaba sendo comparado as produções pré-históricas.

Sabe-se ainda, que durante muito tempo considerou-se (ou ainda se considera) os desenhos infantis como “inferiores” e mal-acabados, cheios de detalhes a serem melhorados, isto numa visão baseada nos desenhos adultos. “[...]. Os desenhos infantis apareciam como malogros ou fracassos, quando muito como exercícios destinados a preparar o futuro artista[...].” (MERÈDIEU, 2017).



Considera-se que a evolução do grafismo infantil está influenciada pelo aparecimento de meios e ferramentas de desenho, que foram se popularizando e permitindo a criação de diversas técnicas, inclusive da mistura de cores.

O auxílio de instrumentos e materiais novos modificou profundamente o estilo infantil. Basta pensar no aparecimento da caneta hidrográfica, que invadiu as escolas maternas e viu surgir um tipo de grafismo muito particular, ao mesmo tempo em que a tendência à miscelânea, com certas crianças utilizando sistematicamente todas as cores. (MÈREDIEU, 2017)

Tudo isso abriu espaço para muitas possibilidades ao desenho infantil, antes realizado em qualquer lugar. “Estamos longe agora do minúsculo rabisco na margem do caderno escolar; o gesto pode expandir-se e a criança tomar consciência do espaço e suas possibilidades” (MÈREDIEU, 2017).

O desenho realizado por uma criança possui o gosto pelo movimento e gesto, sem pretensão estética e sem interesse na obra em si. “Só o prazer do gesto é que conta, o traço ativo que se desenvolve e vive sua própria vida”. (MÈREDIEU, 2017). Ela se envolve na atividade e coloca todo o seu corpo, como algo sensorial.

Igualmente ao encantamento pelo prazer do desenho, a criança também desenvolve uma admiração pela escrita do adulto, buscando desvendá-la e copiá-la. Desta forma, surgem os desenhos que se assemelham a mesma. Segundo (Mèredieu, 2017), “muito cedo, ela tenta imitar a escrita dos adultos. Geralmente, é entre os 3 e 4 anos que a criança produz essa escrita fictícia, traçada em forma de dentes de serra[.]”.

Quando a criança menor desenha, ela nem sempre tem a intenção de que seu desenho seja reconhecido como determinado objeto pelo adulto. Os desenhos são o que ela pensou que seriam, ou o que ela decide em outro momento que eles passarão a ser. Muitas vezes “o adulto encontra dificuldade para distinguir e isolar os diversos signos, daí o recurso ao comentário verbal” (MÈREDIEU, 2017).

Para a criança, todas essas questões não têm nenhum sentido. Essencialmente animista e mágica, a mentalidade infantil faz os objetos participarem entre si; o signo plástico não escapa a esse processo: para a criança pequena, os diversos signos se equivalem e se fundem uns nos outros, daí a quase impossibilidade de isolá-los. (MÁREDIEU, 2017).

Segundo (MÈREDIEU, 2019) é somente quando a criança entra na escola, que ela distingue os símbolos, sob influência dos adultos. Nessa fase escolar, tudo preciso ter sentido e é necessário que haja uma narrativa para aquilo que se desenha.



Segundo (Luquet apud Mèredieu, 2017), as fases do desenho infantil podem ser definidas da seguinte forma: O realismo fortuito inicia-se aos 2 anos e de idade e põe fim a fase dos rabiscos, é quando a criança começa a dar nome aos seus desenhos; o realismo fracassado acontece entre os 3 e 4 anos e é quando a criança descobre a identidade forma-objeto e passa por diversos sucessos e fracassos; o realismo intelectual começa aos 4 anos se estende até os 10 ou 12, e caracteriza-se pelo fato de a criança desenhar o objeto como ela o sabe e não como o vê. Desta fase provém o plano deitado e a transparência, usada comumente pelas crianças.

A autora critica a definição de Luquet, uma vez que ela analisa o desenho infantil do ponto de vista do realismo adulto. Segundo ela, sua análise não é também completa, pois “não explica o nascimento da representação figurativa e tampouco a passagem de um estágio para outro” (MÈREDIEU, 2017).

O rabisco, que fica a parte da análise de Luquet, é considerado pela autora como fundamental ao estudo do grafismo infantil, pois é o início da criação gráfica da criança. “Expressão de um ritmo biopsíquico próprio de cada indivíduo, o rabisco aparece como a aprendizagem do andar e do sentido do equilíbrio” (MÈREDIEU, 2017)

(MARTHE BERSON APUD MÈREDIEU, 2017) distingue o rabisco em três etapas: O estágio vegetativo motor acontece por volta de 18 meses e é quando a criança produz um traçado arredondado e convexo, sem tirar o lápis da folha; o estágio representativo acontece por volta de 2 a 3 anos e é caracterizado pelo aparecimento de formas isoladas, possibilitadas pelo levantamento do lápis. A criança começa a realizar traços descontínuos e há o comentário verbal do desenho; o estágio comunicativo começa entre 3 e 4 anos a imitação do adulto aparece e há o desejo de escrever e de se comunicar, surgindo uma escrita fictícia.

Posteriormente ao aparecimento dos rabiscos arredondados e à habilidade de levantar o lápis do papel, a criança se torna capaz de desenhar o seu primeiro boneco, chamado por ambos os autores estudados de “boneco girino”. “Ele realiza a síntese de duas figuras anteriores, sendo elas: irradiação que gera a figura do girino e círculos tangentes que permitem à criança acrescentar um corpo ao seu personagem” (MÈREDIEU, 2017).

A figura do boneco ocorre porque a criança procura representar-se em desenho. “Há duas razões para isso: primeiramente, a criança projeta no desenho seu próprio esquema corporal; ela traduz assim a maneira como vive seu corpo e se sente apreendida pelo outro.” (MÈREDIEU, 2017).



Aos bonecos a criança vai acrescentando detalhes que são adquiridos. Conforme pontua (MÈREDIEU, 2017) “a medida em que a criança chega a uma etapa mais avançada da figuração do boneco, a imagem anterior fornece matéria prima para imagens derivadas.”

Outro aspecto em que a criança vai construindo a percepção e aumentando seu conhecimento sobre, é a noção de espaço. “A constituição do espaço gráfico é uma conquista longa e progressiva” (MÈREDIEU, 2017). Portanto, é com o decorrer de suas experiências com o desenho e com as coisas, que se constitui essa noção que trará ao desenho características cada vez mais convencionais. Segundo (MÈREDIEU, 2017) “a representação propriamente dita do espaço só começa com a figuração e com a preocupação de imitar o real”.

A criança ao desenhar, utiliza o espaço da folha, que é o ponto de partida para a construção da noção espacial. “No plano gráfico, a folha de papel constitui o espaço que a criança deve progressivamente dominar” (MÈREDIEU, 2017). Para compreender de que forma a criança vivencia a noção de espaço, é possível observar os desenhos de casas que ela realiza. “Entre todos os temas possíveis, o da casa pode permitir apreender de que modo a criança vive o espaço”. Geralmente elas usam a sua imaginação para criar desde casas tradicionais, até figuras totalmente influenciadas pelo afeto.

De acordo com (MÈREDIEU, 2017), Piaget classifica três diferentes fases de representação espacial vividas pela criança quando desenha, que são correspondentes aos estágios de Luquet. São elas:

1) Incapacidade sintética: [...] durante esse estágio, a figuração do espaço ignora totalmente as relações projetivas e euclidianas. Não existe nenhuma constância das grandezas, nenhuma tentativa para representar a profundidade. [...] 2) O realismo intelectual (de 4 a 10 anos): se as relações projetivas e euclidianas começam a elaborar-se, as relações topológicas são em geral respeitadas; [...] a criança é levada a representar o rosto de perfil com dois olhos, relação de vizinhança que não coincide com o espaço euclidiano. [...] 3) O realismo visual (começa entre 8 e 9 anos): [...] a criança preocupa-se em respeitar as distâncias, as proporções respectivas das figuras; submete seu traçado à unidade de ponto de vista [...]. (MÈREDIEU, 2017)

A análise do desenho feito pela criança já foi usada em diferentes testes, procurando justificar desvios de conduta, problemas psicológicos e a capacidade cognitiva das mesmas.

Há diferentes aspectos a considerar. Pode-se estudar sucessivamente a maneira



como a criança utiliza linhas e formas, o modo de distribuição do espaço, a escolha da cor. Todas essas características têm valor expressivo e traduzem de maneira específica o estado emocional da criança. (MÈREDIEU, 2017)

Porém, de acordo com a autora, é preciso tomar cuidado com tais observações, pois “tais dados deveriam, pois, ser relacionados com a totalidade da conduta, fora da qual não podem ser considerados como significantes” (MÈREDIEU, 2017). É possível analisar algumas características projetadas pelo sujeito no momento que desenha, associando isso às suas atitudes em geral.

A repetição obsedante e sistemática de um mesmo motivo sobre toda a folha traduz um temperamento obsessivo e compulsivo; a criança tímida e introvertida desenha-se minúscula no centro da página, enquanto a instável preenche toda a superfície com traços nervosos. (MÈREDIEU, 2017).

Todas essas características, não devem, porém, servir de um diagnóstico pronto e acabado, alo que irá categorizar a criança em função de distúrbios cognitivos, ou de seus problemas emocionais.

[...] o desenho reflete as inibições da criança, os distúrbios da inteligência e do comportamento: isto é inegável e não questionamos o princípio, isto é, a projeção, mas o contexto no qual são desenvolvidos tais estudos, a artificialidade dos métodos empregados, a finalidade a que visam: a integração da criança nos quadros pré-fabricados que ocultam o distúrbio, tornando-o ilegível porque repertoriado e pré-digerido. (MÈREDIEU, 2017)

Nota-se, portanto, que muitos métodos de analisar o desenho da criança não podem ser considerados legíveis, pois já partem de ideias pré-estabelecidas do imaginário infantil.

Outro aspecto dos estudos do grafismo da criança, que muitas vezes é analisado de maneira simplista e a semelhança com os desenhos de povos primitivos. Não se pode negar a semelhança de algumas características dos mesmos.

A criança participa de uma cultura que não tem nada a ver com a das sociedades primitivas; o primitivo, por seu lado, deve ser considerado por aquilo que é, um adulto e não uma criança retardada. (MÈREDIEU, 2017)

O desenho infantil tem em comum com a arte primitiva, alguns detalhes como a ausência de uma perspectiva correta, os planos deitados, a transparência e outras características. “Como a criança, o primitivo domina pouco a pouco representações



topológicas difíceis de representar”. (MÈREDIEU, 2017). Ocorrem também algumas omissões por parte do desenho infantil, que também são observadas no primitivo.

Com a inserção da criança na escola, muitas mudanças acontecem na sua forma de conceber o desenho. Aquele ser que antes sofria pouca ou menor influência na sua forma de pensar e desenhar os objetos, começa a ter contato com maneiras já prontas de fazer determinadas coisas.

O grau de sensibilidade da criança às influências exteriores varia em função da idade considerada. Bem pequena, a criança escapa destas, em grande parte, mas logo ela se encontra integrada num universo que lhe oferece um conjunto de informações sociais. (MÈREDIEU, 2017)

Desta forma, pode-se afirmar que, muito das produções infantis, estão, de uma forma ou de outra impregnadas por cópias e imitações daquilo que elas têm contato, relacionado às artes, às cores, as formas. “A conduta da criança – tanto no plano gráfico quando nos outros domínios- comporta clichês, citações, imagens emprestadas.” (MÈREDIEU, 2017)

Nesse sentido, a escola realiza um papel de balizadora, ao buscar minimizar as diferenças, procurando inserir a criança num modelo pré-estabelecido de comportamento e criação. Só é considerado normal, aquilo que está dentro dos padrões de convencional, que é aceito pelos adultos. Segundo (MÈREDIEU, 2017) “a escola vai operar uma modificação profunda no pensamento infantil; sua finalidade essencial: ordenar, classificar, nivelar as diferenças.”

No âmbito educacional, cria-se um repertório de símbolos que devem ser copiados, caso a criança não consiga reproduzir de maneira adequada, é qualificada como incapaz e colocada à margem da normalidade.

Essa redução torna os desenhos legíveis e comparáveis entre si, daí a possibilidade de classifica-los. O impacto social é ressaltado, pois quando reforça e seleciona alguns tipos de grafismo julgados desejáveis e que se tornam mais comuns a todos. Tudo o que não entra nesses quadros torna-se anomalia, desvio, signo inquietante. Assim, a escola castra a criança de uma parte de si mesma (MÈREDIEU, 2017).

Dessa forma, o grafismo da criança acaba sendo algo não usado com intencionalidade própria, ficando a cargo de outras disciplinas. Conforme afirma (MÈREDIEU, 2017) “a tendência sistemática no ensino a subordinar o desenho a outras disciplinas das quais ele se torna um simples instrumento”.



Toda essa influência sofrida pelo público infantil, dificilmente pode ser modificada, pois é algo em que ela está imersa. A criança habituada com os métodos da educação tradicional às vezes suporta com muita dificuldade essa liberdade que lhe propõem” (MÈREDIEU, 2017)

Uma das maiores influências presentes no mundo da criança, vem dos meios de comunicação e pelas propagandas, as quais são bombardeadas em cima do público infantil. Par a apoiarmos nosso pensamento, citamos (MÈREDIEU, 2017), onde diz que

Os cartazes publicitários atraem o olhar da criança: grafismo despojado, cores vivas, formato grande, impressionam vivamente sua imaginação, visto que a elaboração da imagem publicitária apela para mecanismos inconscientes. (MÈREDIEU, 2017).

Tudo isso, se aproxima e é agregado ao universo da criança. “A linguagem publicitária encontra, pois uma linguagem carregada de imagens próximas à das crianças” (MÈREDIEU, 2017). E diante disso, a criança modifica formas e símbolos, aumentando seu repertório gráfico.

Outra característica do desenho infantil é a representação do momento vivido e de aspectos da realidade atual da criança.

O desenho infantil reflete também o acontecimento, a atualidade. Já podemos observar que a escolha dos assuntos evolui em função do calendário: fenômenos que encontramos no desenho humorístico. (MÈREDIEU, p.167)

As influências culturais de determinados povos também povoam os desenhos das crianças de diferentes locais. Conforme aponta (MÈREDIEU, 2017) “esse valor de documento e de testemunho aparece particularmente quando se trata de crianças de povos oprimidos, explorados ou que se defrontaram com uma guerra”.

As produções infantis refletem então a crueldade dos acontecimentos: o trágico sobressai, posto que tais fatos são apreendidos ao nível mais cotidiano da vida, a criança mistura com os massacres e com as cenas de guerra os elementos que fazem parte de seu vocabulário habitual: sol, flores, casas... (MÈREDIEU, 2017)

É possível observar que, Méredieu considera o desenho infantil como algo impregnado de influências do universo adulto em que se insere, e também, que as definições de alguns autores em relação às fases do desenvolvimento do grafismo infantil são, um tanto quanto negligentes. Muitos ignoram as peculiaridades e alteridade da



criança, em detrimento de uma classificação e da evolução para produções cada vez mais realistas.

Ao contrário de Maurren Cox, Florence de Mèredieu não vê o adulto como um mediador que auxilia a criança a se aperfeiçoar no desenho, mas vê a escola como um instrumento de castração da criatividade infantil.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Através da análise bibliográfica realizada na presente pesquisa, foi possível observar duas óticas diferentes em relação ao desenho infantil, contidas nos livros: *Desenho da criança*, de Maureen Cox, e *O desenho infantil*, de Florence de Mèredieu. O primeiro faz um estudo de linha psicológica em relação ao grafismo da criança, apontando características e aperfeiçoamentos no desenvolvimento do mesmo, e destacando a importância da mediação do adulto na sua evolução. O segundo analisa o desenho de um ponto de vista que busca compreender e respeitar o universo infantil, com menor influência e maior reconhecimento de suas peculiaridades.

Os livros analisados colaboraram para a pesquisa no sentido de fornecer visões diferentes, porém complementares, que podem auxiliar o educador em sua prática oferecendo meios de perceber e compreender de que forma a criança desenha, porque desenha, e o que ela é capaz de transpor de seu aspecto cognitivo e afetivo para o grafismo. Perceber os diferentes aspectos das produções infantis é de grande importância para o professor/pedagogo/psicopedagogo que busca realizar um trabalho complexo e global com a criança, reconhecendo-a e respeitando-a como o ser peculiar e único que ela é.

É por meio da tentativa de traçar uma análise que auxilie o educador a compreender de que forma o desenho contribui e participa da aprendizagem da criança, que foi realizada a presente pesquisa. Fica registrada ainda, a necessidade de se buscar mais materiais, que venham contribuir com o estudo, fornecendo outros pontos de vista em relação ao desenho da criança. É de grande importância para a formação do educador que lhe sejam fornecidos meios de aprender cada vez mais na relação com o educando, podendo perceber cada etapa de sua aprendizagem e auxiliando nela da melhor forma possível.

CONCLUINDO O INCONCLUSO



Diante de dois pontos de vista diferentes, porém semelhantes e complementares, é vital que seja considerado um fator como importante: a capacidade de criação da criança. Tanto no sentido de utilizar o desenho como algo gestual e emocional, deixando fluir os seus sentimentos e impressões do mundo, como na habilidade de absorver do meio à sua volta as características simbólicas para representar cada objeto.

Não é possível conceber o desenho infantil sem que se considere todos os fatores que o compõem e que estão inseridos no mesmo. O que não se pode fazer é reduzi-lo a uma simples ferramenta de outras atividades, que massacram toda sua magia e ludicidade, determinando cada elemento sem dar liberdade a seu criador.

Percebe-se que estudar autores que há muito se preocupam com o desenho infantil, pode contribuir para que o educador não se limite a categorizações reducionistas; não reprima a criatividade e gestualidade da criança, considerando também os rabiscos como produções que mereçam reconhecimento e valorização. Também para que não procurem pré-estabelecer modelos considerando-os como válidos esteticamente; e ainda, para que não deixem de incentivar a criança a criar e a aprender novas simbologias para seus desenhos, pois tão importante quanto preservar a criatividade, é preservar o desenho como meio de comunicação e expressão, que pode e deve ser mantido para além da infância.

Destarte, a ideia de concluir o inconcluso, se dá em virtude de várias outras pesquisas que se fazem necessárias a partir dessa temática, uma vez, que a mesma é um assunto presente no cotidiano de todos professores, além de ser um tema urgente, devido ao ineditismo tão importante para pensarmos e problematizarmos outras questões relacionadas ao desenho e ao desenvolvimento da criança.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. D. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. 2ª. Ed. São Paulo: contexto, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Formação Pessoal e Social: MEC/SEF, 1998b.

COX, M. **Desenho da criança**. 4ªEd. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.



DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho: Desenvolvimento do grafismo infantil.** São Paulo: Scipione, 1989.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IABELBERG, R. **O desenho cultivado da criança.** 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2013.

MÈREDIEU, F. **O desenho infantil.** 12ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

MOREIRA, A. A. A. **O espaço do desenho: A educação do educador.** São Paulo: Loyola, 1997.